



UTILIZAÇÃO E CONHECIMENTOS DE DISCENTES SOBRE PLANTAS MEDICINAIS E FITOTERÁPICOS

USE AND KNOWLEDGE OF STUDENTS ABOUT MEDICINAL PLANTS AND HERBAL MEDICINES

Ranielle Correia Fonseca¹, Ani Cátia Giotto²

Acadêmica de Enfermagem da FACESA.

Bióloga, Doutora em Botânica e Docente na Faculdade de Ciências e Educação Sena Aires dos cursos de Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia. E-mail: anicatiabio@gmail.com

RESUMO

Objetivo: Verificar a utilização e os conhecimentos de discentes de cursos de saúde acerca de plantas medicinais e fitoterápicos. **Metodologia:** Levantamento etnobotânico, com caráter descritivo-exploratório, de abordagem qualitativa sendo empregada por meio de questionário *on-line* contendo 30 questões, com dados submetidos a análise temática de conteúdo. A coleta de dados foi realizada através de mídias sociais, sendo elas de múltiplas escolhas e abertas entre os meses de agosto e setembro de 2020. **Resultados:** O conhecimento do uso de plantas medicinais foi transmitido de geração em geração de acordo com 90,9% dos entrevistados, sendo esse transmitido principalmente pela mãe (51,2%) e em seguida pelas avós (36,6%). O conhecimento por meio de mídias sociais ficou em segundo lugar em como adquiriram os seus conhecimentos pelas ervas medicinais (36,4%). As espécies mais utilizadas pelos respondentes de uma lista fornecida no questionário foram boldo (63%), algodão (54%), alecrim (50%), erva cidreira (50%) e mastruz (47%). Os participantes relataram pouco conhecimento transmitido na graduação, porém todos possuem uma definição correta sobre plantas medicinais e fitoterápicos. Foi relatada pouca prescrição de plantas medicinais e fitoterápicos pelos profissionais de saúde, deles médicos, enfermeiros e farmacêuticos. **Conclusão:** O estudo mostrou que as plantas medicinais e os fitoterápicos são utilizados por discentes de cursos de saúde. Entretanto, há deficiência de conhecimento dos futuros profissionais da área de saúde sobre plantas medicinais, fitoterápicos e suas utilidades.

Descritores: Plantas medicinais, Fitoterápicos, Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: To verify the use and knowledge of students of health courses about medicinal plants and herbal medicines. **Methodology:** Ethnobotanical survey, with descriptive-exploratory character, of qualitative approach being used by means of on-line questionnaire containing 30 questions, with data submitted to thematic analysis of content. The data collection was carried out through social media, being them of multiple choices and open between the months of August and September 2020. **Results:** Knowledge of the use of medicinal plants was transmitted from

generation to generation according to 90.9% of the interviewees, being this transmitted mainly by the mother (51.2%) and then by the grandparents (36.6%). Knowledge through social media was second in how they acquired their knowledge through medicinal herbs (36.4%). The most used species by respondents of a list provided in the questionnaire were boldo (63%), cotton (54%), rosemary (50%), citron grass (50%) and mastruz (47%). The participants reported little knowledge transmitted at graduation, but all of them have a correct definition of medicinal plants and herbal medicines. Little prescription of medicinal plants and herbal medicines was reported by health professionals, including doctors, nurses and pharmacists. **Conclusion:** The study showed that medicinal plants and herbal medicines are used by students of health courses. However, there is a lack of knowledge of future health professionals about medicinal plants, herbal medicines and their utilities.

Descriptors: Medicinal plants, Phytotherapics, Nursing.

Como citar: Fonseca RC, Giotto AC. Utilização e Conhecimentos de Discentes Sobre Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Rev Inic Cient Ext. 2021; 4(1):603-23.

INTRODUÇÃO

Entende-se como planta medicinal aquela que, nativa ou cultivada, é utilizada com fins medicinais, tendo em vista seus efeitos benéficos, facilidade de aquisição e baixo custo¹. A etnobotânica abrange o estudo das comunidades humanas e suas interações ecológicas, simbólicas e culturais com as plantas. Fundamentalmente, a etnobotânica baseia-se na coleta de plantas e de informações sobre seu uso². O emprego de plantas medicinais na recuperação tem evoluído ao longo dos tempos, no Brasil a utilização de plantas para o tratamento de enfermidades está arraigada às culturas indígenas, africanas e dos imigrantes europeus³.

As plantas medicinais são consideradas, por significativa parcela da população, como um produto natural⁴, elas são importantes para a pesquisa farmacológica e o desenvolvimento de drogas, não somente quando seus constituintes são usados diretamente como agentes terapêuticos, mas também como matérias-primas para a síntese, ou modelos para compostos farmacologicamente ativo⁵. Já os medicamentos fitoterápicos, de acordo com a legislação sanitária brasileira, são medicamentos obtidos de matéria-prima ativa vegetal, exceto substâncias isoladas, com finalidade profilática, curativa ou paliativa⁶.

Grande parte da população brasileira encontra nos produtos de origem natural, especialmente nas plantas medicinais, a única fonte de recursos terapêuticos⁷. A Organização Mundial da Saúde reconhece os fitoterápicos como parcela significativa no mercado de medicamentos sendo considerados como método alternativo para o alívio de dores, tendo um custo mais viável, por exemplo⁸. O alto custo dos procedimentos e tratamentos faz com que os usuários do sistema público de saúde, procurem meios alternativos e complementares em seu

tratamento, especialmente o uso das plantas medicinais e fitoterápicos⁹. De acordo com o Ministério da Saúde, as principais práticas de terapias complementares são a fitoterapia/plantas medicinais, acupuntura, estas ações, quando valorizadas pelos profissionais de saúde, permitem resgatar experiências oriundas do saber popular¹⁰.

Sendo um assunto de Saúde Pública, caberia aos profissionais de saúde e aos programas nacionais de saúde esclarecer dúvidas da população, orientando sobre a utilização correta de plantas medicinais nas Unidades de Saúde e nas visitas domiciliares¹¹. No contexto das práticas em saúde o enfermeiro desenvolve quatro atividades essenciais: o cuidado, a gerência, a educação e a pesquisa¹¹. No contexto das práticas em saúde o enfermeiro desenvolve quatro atividades essenciais: o cuidado, a gerência, a educação e a pesquisa¹².

Especificamente na fase reprodutiva das mulheres surgem diversos sintomas relacionados ao ciclo menstrual, podendo causar alterações físicas, psicológicas e sociais, diminuindo assim a qualidade de vida da mulher¹³. Como consequência das limitações da assistência médica convencional à saúde da mulher, cresce a necessidade de busca por outros modelos com enfoque na qualidade das relações entre mulher e profissional, e com a utilização de tecnologia apropriada na visão holística e integrada do ser¹⁴. A construção de um novo modelo pedagógico nessas relações deve ter como perspectiva o equilíbrio entre excelência técnica e relevância social, como princípios que devam nortear o movimento de mudança¹⁵.

A maneira com que profissionais de saúde trabalham com modelo biomédico, não está permitindo assistir o usuário como ser integral, e este passa a buscar outras formas de tratamento e promoção da saúde, como as terapias complementares, as quais são abordagens que visam a assistência nas etapas do processo saúde-doença¹⁶. O uso de terapias chamadas “alternativas”, “complementares” e “caseiras” tem crescido nas últimas décadas, apesar da constante introdução de novos e efetivos fármacos sintéticos no mercado⁷.

Este estudo possui como objetivo verificar a utilização e os conhecimentos de discentes de cursos de saúde acerca de plantas medicinais e fitoterápicos.

MÉTODOS

O interesse por este assunto, derivou da falta de abordagem do tema durante a graduação e pelo aumento do uso incorreto de plantas medicinais e fitoterápicos. Foi realizado levantamento etnobotânico, com caráter descritivo-exploratório, de abordagem qualitativa, com metodologia

empregada por meio de questionário semiestruturado, com dados submetidos a análise temática de conteúdo.

A coleta de dados foi realizada através de mídias sociais, contendo 30 questões, sendo elas questões de múltiplas escolhas e abertas entre os meses de agosto e setembro de 2020 voltada para discentes de cursos de saúde. Foram inclusas no questionário perguntas sobre o conceito de plantas medicinais e fitoterápicos, plantas medicinais utilizadas como medicamentos, abordagens dos temas na graduação, prescrição de fitoterápicos em consultas clínicas, modo de adquirir plantas para o uso medicinal, plantas utilizadas na saúde da mulher, para o alívio de cólicas menstruais e como que a futura profissão poderá auxiliar para o melhoramento na qualidade de vida em relação à saúde da mulher.

Os resultados foram triangulados com bibliografia, pois a abordagem traz possibilidade de análise, aprofundamento, interpretação e maior discussão sobre as ações, visando compreensão de questionário semiestruturado.

RESULTADOS

O estudo foi realizado com quarenta e quatro pessoas, podendo estar cursando qualquer período da graduação. Dos entrevistados, 43,2% nasceram no Distrito Federal, 29,5% nasceram em Goiás, 9,1% nasceram na Bahia, 4,5% nasceram em Minas Gerais e no Pará e 2,3 nasceram no Piauí, Ceará, Santa Catarina e Maranhão. Atualmente a maioria reside em Goiás (93,2%) e no Distrito Federal (6,8%). Destes participantes, 22,7% eram do sexo masculino e 77,3% do sexo feminino.

Para a categoria de definições de plantas medicinais, 67,5% dos respondentes consideram como meios naturais que são utilizadas para fins curativos ou terapêuticos, melhorando a qualidade de vida, 15,5% colocaram como uma forma de combater/curar algumas patologias, sem danos ou vícios permanentes, seguido de 9% considerando como plantas utilizadas como medicamentos alternativos, 5% como plantas preventivas, utilizada de forma medicamentosa e 3% como planta utilizada para a criação de medicamentos. Todos os entrevistados responderam acreditar na utilização de plantas medicinais como medicamento.

O conhecimento do uso de plantas medicinais foi transmitido de geração em geração de acordo com 90,9% dos entrevistados, sendo esse conhecimento transmitido principalmente pela mãe (51,2%) e em seguida pelas avós (36,6%). O conhecimento por meio de mídias sociais vem

crescendo cada dia mais, ficando em segundo lugar em como adquiriram os seus conhecimentos pelas ervas medicinais (36,4%).

Foram citados 13 nomes de plantas medicinais no questionário relacionadas à saúde da mulher, para a observação dos conhecimentos dos entrevistados. A espécie mais apontada pelos respondentes foi o Boldo (*Plectranthus barbatus* Andrews) com 63,6% das respostas, seguida de Algodão (*Gossypium arboreum* Linnaeus) com 54,5%, Alecrim (*Rosmarinus officinales* Linnaeus) com 50%, Erva Cidreira (*Cymbopogon citratus* Stapf) com 50%, Mastruz (*Dysphania ambrosioides* Mosyakin e Clemants) com 47,7%, Arruda (*Ruta graveolens* Linnaeus) com 36,4%, Cavalinha (*Equisetum giganteum* Linnaeus) e Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens* Coville) com 29,5%, Jatobá (*Hymenaea courbaril* L.) com 9,1%, Alcachofra (*Cynara scolymus* L.) com 6,8%, Ciganinha (*Calliandra dysantha* Benth) com 4,5%, Babosa (*Aloe vera* Burm. F.), Nosmoscada (*Myristica fragrans* Houtt.), Camomila (*Matricaria chamomilla* L.) e Amora (*Morus* L.) com 2,3%. E 2,3% dos entrevistados alegaram não conhecerem as plantas mencionadas.

Apesar de todas as partes das plantas terem sido mencionadas pelos entrevistados, as partes mais utilizadas foram as folhas (56,8%), seguida pela utilização das flores (22,7%), sementes e cascas (13,6%), raízes (11,4%), caules (9,1%), frutos e planta por inteiro (6,8%) e bulbos (2,3%).

Verificou-se também que a maneira que os entrevistados adquirem as plantas medicinais foi por meio de retirada em casa de parentes/ amigos (52,3%), em seguida em suas próprias residências (50%), em feiras (34,1%), em lojas específicas (22,7%), coleta em ambientes naturais (20,5%), coleta na cidade/rua (13,6%) e 9,1% dos entrevistados não fazem utilização de plantas medicinais.

Entre as perguntas do questionário *on-line*, ressaltamos a questão da prescrição de medicamentos fitoterápicos. Foi questionado se algum agente da área da saúde já havia prescrito para o alívio de dores ou alguma patologia em questão e 61,4% dos entrevistados alegaram nunca terem recebido prescrição para uso de fitoterápicos e 38,6% responderam positivamente. Os medicamentos fitoterápicos foram prescritos por médicos (13,6%), enfermeiros (13,6%) e farmacêuticos (11,4%).

Sobre as citações de abordagens de professores na faculdade, com referências aos termos fitoterápicos ou plantas medicinais, por meio de aulas práticas ou teóricas, os respondentes afirmaram que plantas medicinais e fitoterápicos já foram abordados em sala de

aula (61,4%), nunca foram abordados estes temas (18,2%) ou foram citados somente um dos termos (11,4%). Alegaram aquisição de conhecimento por aulas teóricas (81,8%) e aulas práticas (2,3%).

Sobre a mudança da percepção após a iniciação do curso, os entrevistados relataram: *“Durante o curso aprendi que diversos medicamentos são feitos a partir de substâncias fitoterápicas”, “Percebi que há diversas plantas que apenas com os seus nutrientes, podem fazer um tratamento terapêutico em alguma pessoa com problemas”, “Antes de estar cursando, já tinha uma ideia da importância das plantas medicinais, elas podem ajudar em muitos tratamentos, aliviar alguns sintomas e estudando no curso, vejo o quão é verdade e ainda vai muito além”, “Eu já era apaixonada por plantas, e o motivo de eu ter escolhido meu curso foi a possibilidade de trabalhar com plantas e desenvolver medicamentos através delas, o curso vem agregando ainda mais esse sonho”.*

Em uma questão do questionário *on-line*, foi abordado o mal-estar resultante do uso de plantas medicinais, com o resultado de 63,3% não sentiram nada, 20,5 tiveram algum mal-estar e 15,9% não se lembraram de ter ocorrência. A Cavalinha e o Boldo foram citados, por exemplo, resultando em batimentos cardíacos acelerados, náuseas e tonturas.

Em relação à saúde da mulher, especificamente, os participantes citaram que sua futura profissão poderá auxiliar para o melhoramento na qualidade de vida: *“Com orientações”, “Receitando plantas medicinais”, “Obtendo e repassando conhecimentos sobre medicamentos para que seja feito o uso correto e consciente”, “Atendendo-as com humanização”, “Na aplicabilidade dos princípios da integralidade definidos pelas políticas ministeriais”, “Na prevenção de futuras patologias”, “Com educação em saúde, através de palestras, entre outros”, “Nas três esferas de atenção à saúde. Seja na prevenção, diagnóstico quanto a reabilitação de disfunções. A fisioterapia possui papel primordial a este público”, “Aplicando todos os conhecimentos, usando a percepção para as necessidades que não costumam ser vistas por outros profissionais desenvolvendo o apoio no âmbito biopsicossocial”, “Recomendando sempre uso de plantas medicinais, e fitoterápicos para alguma enfermidade que a paciente terá”, “Com medicina alternativa” e “Acredito que através da divulgação e esclarecimento sobre as práticas integrativas atualmente utilizadas pelo SUS”.*

DISCUSSÃO

No presente estudo, as plantas medicinais relacionadas à saúde da mulher mais citadas como utilizadas pelos entrevistados foram: boldo, camomila e erva cidreira. Resultados muito semelhantes foram encontrados em Maringá/PR/Brasil, sendo utilizadas pelos clientes atendidos no programa Estratégia Saúde da Família¹⁷. O uso de chá de boldo foi citado para facilitar a má digestão ou azia, já que ele é estimulante do fígado, da digestão e do apetite, atua na melhoria da azia e não deve ser utilizado por gestantes, lactantes, crianças e portadores de obstrução das vias biliares ou cálculos biliares¹⁸.

Já o uso do chá de camomila e da erva cidreira foi citado pelos voluntários, alegando que utilizaram para o alívio de cólicas menstruais. A erva cidreira é utilizada para o alívio de cólicas uterinas e intestinais, ela auxilia na tensão pré-menstrual e na síndrome do climatério, é calmante, antigripal tendo que ser evitada durante a gravidez e lactação¹⁹. A camomila é utilizada para dismenorrea, náuseas, vômitos, gripes, resfriados, tratamento de cólicas gástricas, alterações inespecíficas do sistema digestório e estômago, sendo contraindicada para gestantes por possuir indícios de atividade emenagoga e relaxante da musculatura lisa²⁰⁻²¹. Ter uma orientação sobre a forma de preparo das plantas medicinais é muito importante, pois além de garantir a presença do princípio ativo, certifica-se de uma baixa toxicidade do que está sendo consumido.

Toda planta medicinal é medicamento somente quando utilizada corretamente, portanto, a recomendação para uso é identificar o seu princípio ativo ou tê-lo evidenciado farmacologicamente¹. Conforme o estudo, alguns dos participantes já utilizaram algumas plantas medicinais e informaram que tiveram reações adversas, por exemplo, com o uso do chá de boldo, causando náuseas. Entretanto, as folhas do boldo são utilizadas na medicina popular para tratamento de problemas digestivos, hepático, desordens cardiovasculares, respiratórias e em alguns casos como abortivo entre outros²², deste modo, na voluntária, a náusea esteve relacionada às funcionalidades do boldo, pois com as náuseas e o vômito ocorre, em muitos casos, o alívio do problema digestivo. Por isso, há necessidade maior de conhecimento sobre as plantas medicinais utilizadas popularmente, não apenas para a confirmação do uso tradicional, mas também para que o uso seguro destas plantas seja estabelecido.

O decreto de número 5813 de 22 de julho de 2006, tem o objetivo garantir à população brasileira o acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos²³. Promovendo o uso sustentável da biodiversidade e para ampliar as opções terapêuticas aos usuários, com garantia de acesso a plantas medicinais, fitoterápicos, na perspectiva da integralidade da

atenção à saúde, considerando o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais²²⁻²³. Conforme o questionário introduzido para acadêmicos, 100% dos entrevistados possui uma definição de plantas medicinais e fitoterápicos, porém nem todos conhecem a funcionalidade das plantas em questão. Tendo apenas 38,6% as prescrições de fitoterápicos sendo realizadas por agentes da saúde para os voluntários da pesquisa.

A lei 12.739, criada dia 01 de novembro de 2007, tem como objetivo propor, elaborar e promover a implantação de políticas e diretrizes para a área de fitoterápicos e plantas medicinais no âmbito das instituições do Governo Estadual²⁴. A implementação desta lei, conta com alguns princípios, sendo eles o cultivo de plantas medicinais, a pesquisa científica voltada para a identificação e a classificação de plantas para análise de suas qualidades terapêuticas e para o desenvolvimento do processo de produção de produtos fitoterápicos. Com esta lei a obrigatoriedade de promover ações para os municípios se torna indispensável, podendo levar conhecimento e interesse para os discentes acerca deste assunto. Desta forma, a população poderá receber informações e produtos oriundos de plantas medicinais de modo ampliado e seguro.

Muitos profissionais acreditam que os tratamentos mais eficazes são os fármacos sintéticos, possuindo efeito mais rápido, assim a utilização e a recomendação em hospitais pelo uso de plantas medicinais apresentam deficiência exacerbada sendo recorrente por conhecimento falho. Necessitando de formação acadêmica mais diversificada e qualificada, oferecendo recursos opcionais para os pacientes. Em sua formação acadêmica não receberam conhecimento em relação a essa terapia e acabam criando uma posição de que tudo que é “natureba” não tem efeito farmacológico²⁵.

Além da interação medicamentosa entre as plantas medicinais ou fitoterápico com os medicamentos sintéticos, a falta do conhecimento do profissional de saúde sobre essa prática por parte de seu paciente pode comprometer o tratamento podendo expor à sérios riscos à saúde do indivíduo⁹. Os profissionais da saúde, tem pouco ou nenhum contato com o assunto durante sua formação acadêmica e, a educação deve ser entendida como processo permanente, iniciado durante a graduação e mantido na vida profissional¹⁵⁻¹⁷. A prescrição de métodos curativos é de extrema importância, no estudo em questão, a minoria dos entrevistados, totalizando 38,6% citaram que tiveram prescrição de fitoterápicos em atendimento clínico, sendo realizado por médicos, enfermeiros e farmacêuticos. E, estes profissionais precisam de capacitação constante no assunto, para prescrições alternativas curativas para seus clientes,

sendo de baixo custo e mais acessível para a população de baixa renda, levando tratamento eficaz a todos.

Numa dada população nem todos os membros conhecem todas as plantas, no entanto, as mulheres em geral, são as principais depositárias do saber popular quanto ao uso das plantas medicinais⁴. De acordo com o questionário *on-line*, o conhecimento adquirido veio por maior parte pelo âmbito familiar, tendo como principal preceptora a mãe e logo em seguida a avó. As mídias sociais como internet, YouTube, Whatsapp, Instagram, televisão, rádio e outros meios, tem ganhado cada dia mais poder na transferência de conhecimentos para com a população, ficando em segundo lugar na transmissão de conhecimento sobre plantas medicinais.

Futuros profissionais da saúde devem sair capacitados da faculdade para estarem aptos a prescrição de outros métodos curativos além dos fármacos sintéticos. Profissionais capacitados, com conhecimento de qualidade e competência em seu trabalho, atuam com melhor excelência e qualidade, levando tranquilidade e confiança aos clientes, alguns dos entrevistados ainda desconhecem os padrões a serem utilizados na prescrição de fitoterápicos ou plantas medicinais em uma abordagem com seus clientes em tratamento específicos ou no uso de forma geral.

CONCLUSÃO

O estudo mostra a deficiência de conhecimento dos futuros profissionais da área de saúde sobre plantas medicinais, fitoterápicos e suas utilidades. De forma geral, todos os voluntários demonstraram pouco conhecimento acerca deste assunto, possuindo limitações das indicações e funcionalidades. Nesta pesquisa, foi observada pouca prescrição de plantas medicinais e fitoterápicos pelos profissionais de saúde, deles médicos, enfermeiros e farmacêuticos.

Todas as partes das plantas foram citadas como utilizadas pelos entrevistados, mas as folhas foram relatadas como a parte da planta mais utilizada e em seguida as flores. O meio de maior obtenção de conhecimento ocorreu no âmbito familiar através da mãe e em seguida da avó.

Este trabalho mostrou que discentes de áreas da saúde fazem uso de plantas medicinais ou de fitoterápicos. Desta maneira, os profissionais da área da saúde necessitam de conhecimento suficiente acerca deste assunto, pois um profissional que não possua conhecimento sobre outras

formas de tratamento, além do uso de fármacos sintéticos, pode trazer insegurança ao cliente para seguir as recomendações de tratamento.

REFERÊNCIAS

1. Taufner CF, Ferrazo EB, Ribeiro LF. Uso de plantas medicinais como alternativa fitoterápica nas unidades de saúde pública de Santa Teresa e Marilândia, ES. *Rev. nat. online.* 2006; 4(1):30-39.
2. Silva JA, Bündchen M. Conhecimento etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Bairro Cidade Alta, município de Videira, Santa Catarina, Brasil. *Rev. uno. cien.* 2011; 2(2):129-140.
3. Ribeiro RV, Ribeiro GJS, Albuquerque SJ, Balogun SO. Estudo etnobotânico de plantas medicinais comercializadas em feiras livres de Cuiabá. *Rev. cad. pub. (7)*:32-54.
4. Souza MDd, Fernandes RR, Pasa MC. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade são Gonçalo Beira Rio, Cuiabá, MT. *Rev. bio.* 2010; 9(1):91-100.
5. Stefanello S, Kozera C, Ruppelt BM, Fumagalli D, Camargo MP, Sponciado D. Levantamento do uso de plantas medicinais na universidade federal do Paraná, Palotina-PA, Brasil. *Rev. ext. foc.* 2018; 1(15):15-27.
6. Carneiro FM, Silva MJP, Borges LL, Albernaz LC, Costa JDP. Tendências dos estudos com plantas medicinais no Brasil. *Rev. sap.* 2014; 3(2):44-75.
7. Moreira RCT, Costa LCB, Costa RCS, Rocha EA. Abordagem Etnobotânica acerca do Uso de Plantas Medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. *Rev. act. far. bon.* 2002; 21(3):205-211.
8. Messias MCTB, Mengatto MF, Prado ACC, Santos BR, Guimarães MFM. Uso popular de plantas medicinais e perfil socioeconômico dos usuários: um estudo em área urbana em Ouro Preto, MG, Brasil. *Rev. bras. pl. med.* 2015; 17(1):76-104.
9. Bueno MJA, Martínez BB, Bueno JC. Manual de plantas medicinais e fitoterápicos: utilizados na cicatrização de feridas [internet]. Mestrado Profissional em Ciências Aplicadas à Saúde. [citado 2020 Set 02] 2016; 18-130. Disponível em: <http://www.univas.edu.br/mpcas/egresso/publicacao/2016102022681842740937.pdf>.
10. Thum MA, Ceolin T, Borges AM, Heck RM. Saberes relacionados ao autocuidado entre mulheres da área rural do sul do Brasil. *Rev. gau. enf.* 2011; 32(3):82-576.
11. Arnous AH, Santos AS, Beininger RPC. Plantas medicinais de uso caseiro – conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. *Rev. esp. saud.* 2005; 6(2):1-6.
12. Backes DS, Backes MS, Sousa FGM, Erdmann AL. O papel do enfermeiro no contexto hospitalar: a visão de profissionais de saúde. *Rev. cien. cuid. saud.* 2008; 7(3):319-326.
13. Dias JMG, Menezes M, Gois LH. Tensão pré-menstrual em mulheres periclimatéricas. *Reprod. clim.* 2010; 25(2):3-60.

14. Borges MR, Madeira LM, Azevedo VMGO. As práticas integrativas e complementares na atenção à saúde da mulher: uma estratégia de humanização da assistência no hospital Sofia Feldman. *Rev. minei. enf.* 2011; 15(1):105-113.
15. Campos FE, Ferreira JR, Feuerwerker L, Sena RR, Campos JJB, Cordeiro H, Junior LC, et al. Caminhos para Aproximar a Formação de Profissionais de Saúde das Necessidades da Atenção Básica. *Rev. bra. educ. med.* 2001; 25(2):53-59.
16. Thum MA, Ceolin T, Borges AM, Heck RM. Saberes relacionados ao autocuidado entre mulheres da área rural do sul do Brasil. *Rev. gau. enf.* 2011; 32(3):82-576.
17. Lopes MA, Nogueira IS, Obici S, Albiero ALM. Estudo das plantas medicinais, utilizadas pelos pacientes atendidos no programa “Estratégia saúde da família” em Maringá/PR/Brasil. *Rev. bras. pl. med.* 2015; 14(4):702-706.
18. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, 2011; 70-126.
19. Ministério da Saúde. Política Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. Brasília. Ministério da Saúde, 2006; 10-60.
20. Abad ANA, Nouri MHK, Gharjanie A, Tavakoli F. Effect of *Matricaria chamomilla* Hydroalcoholic Extract on Cisplatin-induced Neuropathy in Mice. *Chinese Journal of Natural Medicines.* 2011;9(2):126-31.
21. Arruda JT, Approbato FC, Maia MCS, Silva TM, Approbato MS. Efeito do extrato aquoso de camomila (*Chamomilla recutita* L.) na prenhez de ratas e no desenvolvimento dos filhotes. *Rev. bras. pl. med.* 2013; 15(1):66-71.
22. Presidência da República. Decreto N° 5.813, de 22/06/2006. Revogado pelo decreto n° 10.087, de 2019, para dispor sobre plantas medicinais e fitoterápicos. [Internet]. [citado 2020 Set 02]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5813.htm.
23. Ferreira MM, Junior AGRS, Marini DC, Fernandes LC. Plantas medicinais e fitoterápicos. *Cons. reg. farm.* 2019; 4(1):10-60.
24. Silva RC. Lei n° 12.739, de 01 de novembro de 2007: Autoriza o Poder Executivo a criar o Programa Estadual de Fitoterápicos, Plantas Mediciniais e Aromáticas. [internet]. Assembleia legislativa do estado de São Paulo; 2007. [Acesso em: 14 out. 2020]. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2007/lei-12739-01.11.2007.html>.
25. Bruning MCR, Mosegui GBG, Vianna CMM. A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu – Paraná: a visão dos profissionais de saúde. 2011; 37(3):11-18.